

Índice de mortalidade é reduzido

De São Paulo

Fernando Lucchese é cardiologista há 43 anos. Estudou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, formou-se em 1970, fez muitos cursos no exterior, mas admite que nunca imaginou o que hoje vê diariamente no hospital que dirige, o São Francisco, um dos sete da Santa Casa de Porto Alegre: "Colocar um cateter na artéria femoral e por dentro dela levar uma válvula aórtica até o coração é uma coisa que eu nunca imaginei."

Uma válvula que entra no corpo absolutamente comprimida, e que se expande quando chega ao ponto exato determinado pelo projeto da cirurgia. Esses procedimentos minimamente invasivos são acompanhados, milímetro a milímetro, com um equipamento de raios-X Artis Zeego, da Siemens, cujo custo é da ordem de US\$ 1,5 milhão: "O equipamento faz múltiplas imagens de raios-X girando em torno do paciente, criando modelos 3D que a gente vê em monitores de 56 polegadas", conta o médico. As imagens em alta definição servem não só para garantir a precisão da cirurgia, mas, também, para que os alunos da Faculdade de Medicina da Santa Casa acompanhem todos os procedimentos sem precisar estar dentro da sala, o que reduz o risco de contaminação.

Para conseguir esse e todos os outros equipamentos necessários às salas de cirurgia high tech do São Francisco, Lucchese montou um modelo de negócios original e que, segundo ele, está sendo utilizado por outras Santas Casas do Brasil: em troca de exclusividade no fornecimento do aparelho, o hospital recebe 10% do valor do contrato em dinheiro. "É geralmente um valor que seria pago como comissão de vendas e proporciona segurança para os dois lados", explica.

As cirurgias cardíacas no São Francisco são feitas pelo que ele batizou de Heart Team, uma equipe que tem especialistas em cardiologia e também em anestesia, radiologia e ecocardiografia. Graças aos equipamentos avançados, "conseguimos migrar de uma taxa de risco muito alta em cirurgia cardíaca para uma muito baixa", comemora. Quando se formou, diz Lucchese, as cirurgias cardíacas estavam começando e a taxa de mortalidade era muito alta, "coisa de 30 a 40%", diz ele. Hoje, foi reduzida a cerca de 2%. (PB)